

A EXPANSÃO DO PROTESTANTISMO NO BRASIL: REFLEXOS NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

The expansion of protestantism in Brazil: reflections on the
brazilian educational system

Jessyluce Cardoso Reis*
Edilana Gonçalves Costa Soares**
Laudicéia Falcão Araújo**
Natiane Santos Ramos**

Artigo recebido e aprovado em maio de 2016

Resumo: O presente estudo tem objetivo analisar por meio de pesquisa bibliográfica como se deu a expansão do protestantismo no Brasil, identificando os reflexos de ordem epistemológico, ideológico e metodológico, no sistema educacional brasileiro, com o advento do Período Republicano. Outrossim, essa pesquisa pretende contribuir para o entendimento historiográfico dos aspectos fundantes da educação brasileira concernente aos influxos do Protestantismo, pouco explorados na literatura. Para compreensão desse fenômeno, foram estudados os expoentes do assunto em questão, a saber: Mendonça e Velasques (2002), Reis (2007); Nascimento (2004), Garrido (2005), Schulz(2002), Massotti (2007), dentre outros. Os resultados deste estudo apontam que a inserção do Protestantismo na educação brasileira, percorreu uma longa trajetória, e mesmo com tantos anos de altos e baixos, se fez presente com sua concepção protestante ideológica, metodológica e epistemológica, no campo educacional.

Palavras-chave: Protestantismo. Sistema educacional brasileiro. Epistemologia. Ideologia.

Abstract: This study is aimed at to analyse through literature how was the expansion of Protestantism in Brazil, identifying the reflections of epistemological and ideological and methodological order, the Brazilian educational system, with the advent of the republican period. Furthermore, this research aims to contribute to the historiographical understanding of the foundational aspects of Brazilian education concerning the promptings of Protestantism, little explored in the literature. To understand this phenomenon, the subject of the exponents were studied in question, namely: Mendonça and Velasques (2002), Kings (2007), Birth (2004), Garrido (2005), Schulz (2002), Massotti (2007), among others. The results of this study indicate that the inclusion of Protestantism in the Brazilian education has come a long way, and even with so many years of ups and downs was present with its ideological Protestant conception, methodological and epistemological, in the educational field.

Key Word: Protestantism. Brazilian educational system. Epistemology. Ideology.

* Mestre em Educação, Coordenadora do Núcleo de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Faculdade do Sul da Bahia e Docente da Universidade do Estado da Bahia.
E-mail: jessylucereis@gmail.com

** Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia/DEDC-X.

Introdução

No percurso da história da educação brasileira, percebe-se que ela sofreu grandes influências, atreladas às questões de ordem econômicas, religiosas, culturais, dentre outras. Influências estas que, ao longo de décadas, foram produzindo resultados nas diversas concepções de educação sobre as quais a educação brasileira foi sendo erguida. Alguns desses reflexos permaneceram até os dias hodiernos, outros, entretanto, não foram desvelados em sua extensão histórica, ainda, a exemplo dos contribuições do Protestantismo para a historiografia da educação brasileira.

A produção científica acerca desse desdobramento ainda é tímida, haja vista que os estudos da história da educação brasileira têm se limitado ao entendimento dogmático da relação ideológica e religiosa protagonizada pelos protestantes, quando da sua fixação no Brasil Republicano.

Isso posto, este estudo tem o objetivo de analisar a expansão do Protestantismo no Brasil, identificando os reflexos epistemológico, ideológico e metodológico no sistema educacional brasileiro, com o advento do Período Republicano. Assim, pretende-se com esse estudo de natureza puramente bibliográfica estabelecer um o diálogo teórico-reflexivo.

Esta pesquisa ancora-se no campo da história da educação brasileira, como forma de aprofundar os estudos iniciados na dissertação de mestrado concluído em 2007, e nas orientações de trabalhos de conclusão de curso, desenvolvidas no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB, campus X), em que, procura-se perceber como se dá a presença do Protestantismo na educação brasileira no atual contexto histórico. Mediante o exposto, o presente trabalho justifica-se como relevante por contribuir para o entendimento do fenômeno investigado, a partir dos resultados e discussão apresentados como um extrato substancial, daquilo que tem sido pouco explorado no campo da historiografia da educação brasileira, em seus influxos epistemológicos, ideológicos e metodológicos.

Para entendimento desse percurso histórico a referida construção teórica estudada baseou-se nas ideias de Mendonça e Velasques (2002), Reis (2007), Nascimento (2004), Garrido (2005), Schulz (2002), Massotti (2007), dentre outros.

A inserção dos protestantes no Brasil

Os primeiros protestantes que chegaram ao Brasil eram de origem europeia e norte-americana e se dividiam em dois grupos: o que vinham para fixar suas igrejas e aqueles que vinham para fazer missões e evangelizar. O Protestantismo de missão oriundos dos norte-americanos tinha a intenção de fundir a evangelização por meio dos ensinamentos escolares para seus alunos e seus familiares. Eles criavam meios de interação com os alunos por meio das visitas e da escola dominical. Apesar disso, a população brasileira só foi direta-

mente afetada pela presença de cristãos não católicos quando eles começaram a chegar ao Brasil. em 1850, de acordo Mendonça e Velasques (2002) e instalaram aqui a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal.

Já o Protestantismo de imigração se dá devido à debilidade da Igreja Católica no Brasil, que correspondeu à queda final das potências latino-católicas. É nesse período que o Protestantismo vai se inserindo gradativamente, quando ingleses tiveram a permissão para entrar e realizar seus cultos, em 1810, de maneira restrita. Sob a ótica institucional, os imigrantes alemães foram responsáveis pela implantação do Protestantismo no Brasil, visto que

Esse pioneirismo tem como marco inicial a comunidade de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, fundada em 1824, pelo pastor Friedrich Oswald Sauerbronn. No Sul, também em 1824, 43 imigrantes evangélicos alemães, fundaram no Rio dos Sinos, uma comunidade que recebeu o nome de São Leopoldo (MENDONÇA; VELASQUES, 2002, p. 27).

Ainda segundo Mendonça e Velasques (2002), a Constituição de 1824 garantiu o princípio da liberdade religiosa e a queda do Império, que ocorreu em 1889, dando lugar a um regime republicano. Cabe salientar que até a Proclamação da República, os protestantes enfrentariam sérias restrições no que diz respeito ao casamento civil, uso de cemitérios e educação.

Com o advento do regime republicano, o desenvolvimento industrial foi implantado havendo assim, a necessidade de levantar estratégias para modernizar o Brasil. A nova Constituição rompeu os laços entre a Igreja e o Estado, uma ideologia republicana influenciada pela laicidade na França e nos Estados Unidos. A separação entre Igreja e Estado promulgada pela Constituição de 1891 tem sido mantida. Essa separação estimulou adoção do liberalismo na industrialização do Brasil. Razão pela qual, foi adotado o modelo *American way of life*. Exportando por meio desse modelo, o estilo econômico e político americano. Com isso, importaram a religião, no caso o Protestantismo, pois, diferentemente do Catolicismo, não se configurava como um obstáculo ao desenvolvimento econômico, sendo deixada de lado a necessidade de uma vida totalmente definida na obediência à religião católica, começando então, a existência da liberdade de escolha entre outros tipos de cultos. Assim, segundo Matos (s/d):

Desde o século 18, começaram a se tornar influentes no Brasil novos conceitos e movimentos surgidos na Europa, tais como o iluminismo, a maçonaria, o liberalismo político e os ideais democráticos americanos e franceses. Tais ideias tornaram-se especialmente influentes entre os intelectuais, políticos e sacerdotes, e tiveram dois efeitos importantes na área religiosa: o enfraquecimento da Igreja Católica e uma crescente abertura ao protestantismo (p. 2).

Com o regime republicano e o investimento de capitais estrangeiros, o desenvolvimento industrial acelerou-se, e a produção cafeeira manteve-se,

porém começaram a surgir posições favoráveis à industrialização em oposição ao modelo agroexportador. Razão pela qual, o desenvolvimento do Protestantismo no Brasil está associado ao trabalho dos imigrantes nas lavouras, visto que muitos trabalhadores eram protestantes, a falta de liberdade ao culto religioso apresentava-se como um entrave à efetiva imigração de protestantes para o referido labor, visto que, os imigrantes que chegavam corriam o risco de não terem seu casamento reconhecido ou a prole considerada legítima se este não tivesse sido realizado nas igrejas católicas, o que dificultava o processo de imigração.

É importante salientar que a configuração da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX, até o fim da Primeira República, ainda era predominantemente agrária, constituída de uma minoria dominante formada pela aristocracia rural e da imensa camada de uma massa denominada de homens livres e pobres, excluídos do sistema financeiro e religioso, cuja prática religiosa autônoma girava em torno do folclore ibero-católico. A relação entre esses dois grupos se dava apenas pela explicação do sistema capitalista. Por outro lado, o contexto geográfico em que eles se inseriam viabilizava o trabalho das missões protestantes. Na maioria das vezes, os empregados moravam longe da grande fazenda e distante também das vilas e paróquias, não sendo essa clientela assistida pelo pároco, tampouco pelos padres das ordens religiosas. Assim, “o meio rural, bem como o abandono econômico e religioso em que viviam, ficavam propícios à mentalidade milenarista dos missionários” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 138).

A expansão rural do protestantismo fora marcada principalmente pelos presbiterianos, sendo acompanhada sequencialmente do crescimento urbano, ocorrido a partir da Segunda Guerra Mundial pelos grupos Metodista e Batista. Com a migração, muitos protestantes começaram a chegar às cidades industrializadas, advindos do ciclo do café e em busca de trabalho para se estabelecerem nas periferias. Alguns vinham de pequenas posses, resultantes da venda de pequenas propriedades no interior. Outros fixavam residências em bairros populares centrais. Esses fiéis aumentaram as estatísticas das Igrejas protestantes existentes. Os protestantes que moravam na periferia, por ser distante dos templos, realizavam os cultos em suas próprias casas, onde congregavam protestantes e não-protestantes da vizinhança. Muitos aceitavam os convites feitos pelos colegas de trabalho.

O crescimento do Protestantismo urbano ocorreu segundo os mesmos moldes da expansão rural: pequenos grupos familiares e de vizinhança, sob a liderança leiga e em torno da Bíblia. Esses pequenos grupos eram tutelados de algumas Igrejas organizadas com expressivo número de seguidores.

Na década de 30, o Protestantismo brasileiro adquiriu características urbanas, isto é, as congregações foram gradativamente ostentando padrões de classe média. Tal estrutura fora representada pelos recursos fixos mensais através de empregos públicos ou privados.

2 As escolas protestantes: primeiros reflexos

No Brasil, as escolas protestantes surgiram em meados do século XIX, por meio dos missionários norte-americanos com a intenção de implantar a laicidade e o progresso. Seu principal objetivo era fundir sua cultura protestante por meio dos seus métodos educacionais modernos. A primeira escola confessional protestante no Brasil aparece em 1870, a Escola Americana de origem presbiteriana, logo depois a de origem metodista, que aparece em 1881, o Colégio Piracicabano.

Na época da chegada das escolas protestantes já havia núcleos escolares feitos pela Igreja Católica, mas eram precárias e seus ensinamentos não alcançavam a classe baixa, sendo composta de homens livres e pobres da população rural, a maioria da sociedade. Por outro lado, a elite brasileira cresceu no núcleo intelectual europeu protestante buscando uma verdadeira instrução, porque a colônia portuguesa e os ensinamentos jesuítas não apresentavam uma capacitação básica de qualidade pedagógica, conforme assegura Massotti (2007). Dessa forma, a chegada dos protestantes no Brasil trouxe novo fôlego à questão educacional brasileira. Segundo Mendonça e Velasques (2002):

As escolas, atividades comum aos protestantes que se estabeleceram no Brasil, tinham diversos propósitos. [...]. O primeiro objetivo era difundir a “cultura” protestante através de métodos educacionais modernos. [...]. Uma segunda intenção era formar uma elite que, se não fosse protestante pelo menos tivesse sido influenciada pelos valores e princípios da cultura que lhe era proposta pelas escolas. A terceira intenção era evangelizar as famílias que tinham seus filhos nas escolas protestantes. O trabalho dos mestres não se limitava à sala de aula (p. 105).

De acordo os referidos autores essa primeira intenção tinha como finalidade unir a cultura protestante aos métodos modernos educacionais e levar grande parte da elite brasileira a dar atenção às escolas americanas. Já que para o Brasil se tornar a potência que pretendia ser, era necessário que deixasse de lado as tradições culturais católicas, sendo esta o objetivo da segunda intenção. A terceira intenção era a evangelização das famílias que tinham filhos nas escolas.

Os missionários norte-americanos tinham a finalidade de fundir a evangelização por meio dos ensinamentos escolares para seus alunos e seus familiares. Eles criavam meios de interação com os alunos através das visitas e da escola dominical. A primeira escola dominical foi fundada em 1855, em Petrópolis, pelo casal de missionários escoceses Sarah e Robert Kalley. Em seus ensinamentos bíblicos usavam uma pedagogia inovadora. Afirma Massotti (2007) que “[...] as escolas se reuniam nas igrejas e começaram a se transformar em classes de alfabetização, mudando o perfil dos frequentadores da igreja” (p. 14). Nesse intento, criaram colégios, que eram voltados para instituições de ensino, mas sem deixar a doutrina da pedagogia protestante. Por conta disso, os missionários protestantes

se dividiram em dois grupos, sendo a educação para a elite, e a evangelização para a massa pobre.

3 Influências metodológica, epistemológica e ideológica na rede pública de ensino

No que concerne à influência dos dogmas do protestantismo no modelo educacional brasileiro, foi marcada com a chegada dos protestantes ao Brasil que culminou com a implantação das escolas protestantes, cuja educação serve de elo entre a sociedade e as religiões reformadas tornando-se um forte instrumento de evangelização utilizada pelas missões norte-americanas.

Através da implantação do referido sistema educacional protestante objetiva-se a expansão da evangelização por intermédio dos dogmas trabalhados no currículo escolar, sendo, portanto a função social desse sistema escolar a formação voltada para a aceitação da mencionada doutrina.

Segundo Mendonça e Velasques (2000), o modelo educacional decorrente de uma cultura que era julgada mais desenvolvida levou parte da elite brasileira a dar atenção às escolas “americanas”, denominadas protestantes.

Assim, o trabalho do mestre não era apenas o de ministrar aulas. Eram verdadeiros apóstolos que visitam as famílias dos alunos levando-lhes a literatura evangélica. A fim de envolvê-los nas atividades da escola e da Igreja. Os missionários desempenhavam o duplo papel de professores e evangelista. Ainda sobre as estratégias de propagação da educação protestante no Brasil, salientam Mendonça e Velasques(2000), que a educação paroquial e as campanhas de alfabetização representavam uma forte ação social .

Mais uma vez o modelo de educação baseada em valores protestantes vai se valer da escola para aperfeiçoar a leitura, cuja ação reduziu os números do analfabetismo nas camadas menos favorecidas da população brasileira, vez que, os fiéis que eram menos favorecidos socialmente, tinham que serem alfabetizadas na escola para proceder com a leitura da Bíblia, condição *sine qua non* para os protestantes.

O sistema educacional introduzido no Brasil pelos missionários protestantes, teve como fundamentação o liberalismo norte-americano e as Escrituras Sagradas, sendo o individuo o centro do seu ato educativo. Num país em que a educação era precária, os missionários protestantes apostaram numa prática pedagógica moderna, visto que o entendimento dos educadores era o de que o progresso do Brasil seria alcançado através da educação e cultura protestante. Segundo Schulz (2002),

As mudanças que o protestantismo aspirava processar nas pessoas e na sociedade, seriam alcançadas, em grande parte por meio da educação. Essa sua fé na educação encontrou reciprocidade no Liberalismo que era a ideologia predominante na América do Norte no final do século XIX e início do século XX (p. 32).

Essas influências na concepção de educação americana aconteceram face ao Iluminismo, sendo reforçada pelo Liberalismo, dando-lhe um caráter relevante como meio de redimir os problemas sociais e promover mudanças.

Para Schulz (2002), pode se constatar que a visão educacional protestante era voltada para o indivíduo, sendo ele considerado o centro da sua educação. Chega-se a essa conclusão a partir de afirmações de que o Protestantismo *faz* sobre o homem e *sobre* a educação, como por exemplo, seu entendimento de individualidade do homem e de sua capacidade e que, consequentemente, implicam em liberdade e responsabilidade. Sobre o exposto, Rubem Alves (citado por SCHULZ, 2002) afirma que na “Reforma Protestante, o individualismo é de um profundo respeito pela pessoa, por que cada pessoa manifesta Cristo”.

Contudo, no campo pedagógico o modelo protestante muito contribuiu à educação brasileira, sobretudo, em relação à metodologia do ensino, que se tratava de métodos modernos, face a um modelo de educação precária e conservadora. Segundo Ramalho (1976), uma das contribuições à sociedade brasileira foi a “divulgação de uma pedagogia mais moderna nas escolas, mais consentânea com os outros modernizadores da sociedade”.

Cabe salientar que os fundamentos e os aspectos inovadores da pedagogia protestante tinha como paradigma a natureza. Comparando-se às leis e à harmonia da natureza na expectativa de aprender dela métodos corretos para o processo educacional. Acerca das inovações pedagógicas destacam-se:

- Primeiros a usar recursos audiovisuais;
- Primeiros a usar educação em sala mistas para ambos os sexos;
- Criação do jardim de infância, os *kindergarten*;
- Uso do chamado método indutivo, o estudo em silêncio;
- Experiências em laboratórios;
- Nova forma de disciplina;
- A escola como ambiente alegre e cooperativo;
- A prática organizada de esporte;
- Preocupação da preparação para a vida, para isso, cursos profissionalizantes;
- Atividades extraclasse;
- Preocupação de aplicação imediata do ensino ou conhecimento;
- Nova forma de avaliação e outros (SCHULZ, 2002, p. 51).

Como pode ser observado, para os protestantes, a garantia da educação partia da ênfase na metodologia, definindo assim o diferencial no padrão educacional implantado no Brasil. Dada ao seu viés inovador, essa metodologia foi aplicada nas escolas dominicais.

Para o Protestantismo, o analfabetismo impossibilitava o progresso e a democracia do país, assim, era preciso educar o povo, principalmente os jovens, a partir de uma cultura cristã pautada na ciência, na moral e na piedade. Acreditava ainda que para viver democraticamente era preciso alfabetizar e educar. A constatação histórica desse pensamento, nas palavras de Schulz (2002),

Além de atribuir à educação a tarefa de se alcançar a democracia, procurou o Protestantismo outras formas para ajudar no alcance desse ideal: criar atitudes e hábitos democráticos, por intermédio de técnicas de ensino, classes, realizações de assembleias, formação de grupos de discussão, organização de jovens etc. [...] sobretudo a postura de adotar uma metodologia democrática nas escolas. [...] envolvendo os pais no processo pedagógico, através de participação em reuniões de avaliação, realização de experiências democráticas nos colégios com a formação de grêmios, etc. Além disso, aceitação de alunos de qualquer tendência ideológica, política ou religiosa e mesmo étnica. Era a tentativa de uma prática democrática no contexto educacional (p. 57).

Ainda que a democracia fosse à bandeira levantada pelos missionários protestantes, César citado por Schulz (2002), evidencia que no fazer educativo os missionários utilizavam-se de métodos paternalistas e autoritários. Além de lançar mão de técnicas de manipulação de opinião. Ainda segundo o autor das iniciativas da educação protestante no Brasil, que marcam a influenciam na educação do tempo presente, consta a educação profissionalizante. A exemplo do Instituto Central do Povo, construído com ajuda dos trabalhadores do cais do Rio de Janeiro em 1906. Que oferecia além da alfabetização, curso de economia doméstica, arte culinária, datilografia, dentre outros. Foi considerada a primeira instituição social do País a manter uma clínica médica e a primeira que criou o Jardim da infância (p. 58).

Nessa ótica firma-se a crença de que a educação é um meio de transformação social, acreditando que ela “acabaria por transformar a sociedade para melhor e inseri-la no *corpus christianum*” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 32).

Garrido (2005) cita que, para o Protestantismo, uma boa educação fazia parte da crença do crescimento espiritual, que servia de base para entender a sociedade, e o estudo era elemento importante para o desenvolvimento da ética.

Segundo Nascimento (2004), a primeira escola-modelo foi criada em São Paulo, na década de 1890, também o jardim de infância em 1896, em que foram introduzidos os princípios de Froebel e Pestalozzi. Comenius também foi um dos responsáveis na mudança educacional. Queria que a educação fosse oferecida a todos, principalmente meninas e deficientes mentais. Esse movimento educacional renovador criado pelos reformistas apresentava uma escola redimensionada quanto à sua organização, à formação intelectual, moral, estética e religiosa da criança. Nesse período, era inculcido na criança o sentido moral, crítico e de liberdade; a escola proporcionava um ambiente agradável, transmitindo os princípios de ordem e higiene; a música coletiva – canto coral ou orquestra – ocupava lugar de destaque, existindo assim tolerância religiosa.

Para Vieira (s/d), a influência da educação protestante implantada no Brasil refletiu mais diretamente na organização escolar e nos processos didáticos do que em termos doutrinários, propriamente ditos. Assim, priorizou-se nas escolas públicas o mesmo método pedagógico já desenvolvido nos colégios protestantes com resultados satisfatórios, o chamado método intuitivo, que, apesar de já ter sido proposto pela reforma Leôncio de Carvalho de 1879, somente algumas pouquíssimas escolas particulares da época praticavam.

Todavia, pesquisas indicam que a expansão da educação protestante no Brasil está associada aos princípios de uma educação liberal que enxerga a sociedade como um conjunto de indivíduos que, em nome da ordem social e econômica, devem agir em cooperação, nunca em discordância. Para garantir tais princípios a função da educação foi o de imprimir os dogmas do evangelho cristão em que valores como obediência e tolerância são fundamentais para garantia da salvação.

Percurso metodológico

Para elaboração dessa pesquisa foi realizado um estudo bibliográfico. Conforme Cervo e Bervian (1983), a pesquisa bibliográfica busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema (p. 55). Nesse sentido, o objetivo da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato com o que já foi escrito.

Para tanto, foram utilizados fontes de informação consultadas em base de dados, tais como artigos científicos, teses, dissertações e livros. Como estratégia de busca de dados e descritores trabalhados, a saber: “Protestantismo” e “Educação brasileira”. Assim, optou-se pelos artigos publicados em periódicos nacionais, no período de 2000 a 2012, disponíveis nas bases de dados pertencentes à bibliotecas virtuais de universidades brasileiras.

Como critérios de inclusão, os artigos deveriam preencher as seguintes condições: apresentar revisão bibliográfica, apresentar desfecho do Protestantismo no campo educacional brasileiro. Além de selecionar obras clássicas na linha de pesquisa aqui apresentada, tais como Mendonça e Velasques (2002); Reis (2011); Nascimento (2004); Garrido (2005); Schulz (2002); Massotti (2007), mesmo se tratando de obras atemporais, foram utilizadas independente do período de sua publicação. Isso posto, foi realizada uma leitura crítica, com elaboração de fichamentos com devidas observações alusivas aos aspectos relacionados a influência do protestantismo no campo epistemológico, ideológico e metodológico da educação brasileira.

Sabe-se que o referencial teórico-metodológico configura-se como uma referência que possibilita a aproximação e interpretação da realidade, tendo como assento o processo interativo oportunizado pelo conhecimento do real e das suas representações apresentadas por pesquisadores em seus estudos, a partir da lógica dos diferentes autores e posições teóricas e inquietações, refutando assim, ideias pré-concebidas. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 116), “dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusão inovadora.” Assim, a metodologia utilizada proporciona reflexões sobre o que já foi escrito, lastreando a continuidade de novos conhecimentos acerca do objeto investigado.

Resultados e Discussão

A análise dos artigos e obras estudadas indica que no Período Republicano, o Protestantismo tornou-se um forte instrumento de evangelização que

utilizou a educação com a disseminação do modelo cultural e político dos Estados Unidos da América. Traduzindo-se na versão religiosa dos ideais liberais e democráticos do século XIX. Naquele contexto, as elites brasileiras, em grande parte liberal, não estavam interessadas na “religião” protestante, mas na educação que os missionários ofereciam (MENDONÇA, 1984, p. 74).

Os estudos apontam ainda que o modelo educacional protestante, auxiliaria a sociedade brasileira da época, a resolver a questão dos altos indicadores de analfabetismo, “pavimentado” o país, para os “tempos modernos”, vislumbrado pela República. Contudo, afirmam ser inegável a contribuição do modelo de educação protestante para os avanços metodológicos da escola pública brasileira. Os autores comungam da ideia de que o mérito atribuído às contribuições do protestantismo para a educação brasileira, ainda representa um hiato a ser superado ou pelo menos interpretado em pesquisas outras, dependendo de uma análise mais aprofundada, visto que tal inserção é timidamente estudada na historiografia da educação brasileira, para assim avaliar a extensão dessa influência.

Considerações finais

Mediante pesquisa realizada são notórios os reflexos do Protestantismo no sistema educacional brasileiro, a partir do Período Republicano, no que se refere aos aspectos metodológicos, epistemológicos e ideológicos.

No campo metodológico auxiliou na inovação de recursos tecnológicos, e na organização do ensino, visto que, até então, a educação era considerada precária, com isso pode-se dizer que o sistema de ensino tomou um novo rumo com sistema educacional trazido pelos missionários protestantes.

No campo ideológico, expandiram sua crença religiosa pelo país, valendo-se do aparelho escolar para aperfeiçoar a sua doutrina com ênfase nos valores protestantes, com o objetivo de por em prática um projeto de expansão cultural com base na ética individualista e com estilo de vida normativo que remetesse a um novo processo civilizatório cristão. Com vistas à apreensão, pelos cidadãos, das novas ideias econômicas e sociais em expansão no Brasil republicano. A partir de uma cultura cristã pautada na ciência, na moral e na piedade, para ser um “servidor do Senhor”.

No campo epistemológico, sabe-se que a criação das escolas confessionais auxiliou de forma significativa no crescimento e desenvolvimento educacional no Brasil, mediante a alfabetização de crianças e adultos alcançados pela proposta protestante. Para o protestantismo o analfabetismo impossibilitava o progresso e a democracia do país, assim, era preciso educar o povo, principalmente os jovens. Acreditava ainda que para viver democraticamente era preciso alfabetizar e educar. Assim, estabeleceu e cumpriu metas para a redução do analfabetismo nas camadas menos favorecidas da população brasileira, vez que, os fiéis que eram menos favorecidos socialmente. Por fim, observou-se ainda que a inserção dessa vertente religiosa, no Brasil, concebeu a instauração de uma nova ordem social, e passou a exercer forte domínio na dinâmica cultural das comunidades, o que refletiu, em muitas regiões. Dada a complexidade que envolve a temática pesquisada, a saber educação e religião, esse estudo representa apenas um modesto recorte temporal da historiografia da educação brasileira, pouco discutida, pouco contemplada nos estudos sobre a formação da educação, isso posto,

representa uma pesquisa ainda em processo, o que não permite no momento, inferir posicionamento favorável ou desfavorável, as contribuições do protestantismo para o sistema educacional brasileiro, já que a intenção deste estudo foi de transitar por um capítulo da história da educação brasileira, pouco explorada, fato esse que nos instiga a querer aprofundar mais nessa lacuna existente, sendo portanto, necessário uma incursão histórica mais aprofundada, com a propositura de avaliar a extensão desse fenômeno.

Referências

- ARANHA, Maria L de Arruda. **Historia da educação**. 2. ed. SP: Moderna, 1996.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Paerson Prentice Hall, 2007.
- GARRIDO, Stella. **A educação confessional protestante no Brasil**. Rio de Janeiro, 2005.
- _____. **A educação confessional protestante no Brasil**. Rio de Janeiro, 2005. *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro, ago. 2006.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MASSOTTI, Roseli de Almeida. **Os valores protestantes como base educativa na série Braga**. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2007. Disponível em: <www.mackenzie.br/.../Graduacao/EST/.../GT_5_Roseli_Massotti.pdf>. Acesso em 28 nov. 2015.
- MATOS, Alderi Souza. **Breve história do protestantismo no Brasil**. Vide: <http://www.mackenzie.br/6994.html>. Acesso em: 15 maio 2015.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa, VELASQUES, Prócoro Filho. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- _____. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Paulo: UMEESP, 1997.
- MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil: estudo de caso**. Juiz de Fora: EDUJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.
- MOREIRA, A. F. B. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas: Papirus, 1990.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. **A escola americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2004.
- PIZZARRO, Carlos Afonso Augusto. **William Alfred Waddell - 1862-1938: uma vida a serviço de um povo**. Disponível em: <<http://jmc.org.br/waddell2.htm>>. Acesso em: 3 abr. 2016.
- WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. **A construção da diferença no protestantismo brasileiro**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/Conjunto%20III/4_22.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2015.
- VIEIRA, Cesar Romero A. **Protestantismo e educação: a presença liberal norte americana na reforma Caetano de Campos -1890, (s/d)**.